

## A escrita infantil e a ilusão da argumentação

*Claudia Mendes Campos*

**Resumo:** *This paper studies argumentation in the child's writing. Understanding argumentation in child's language as different of argumentation in adult's language, it looks at three texts of a child and describes their argumentative structure and their argumentative direction. It shows child writing is more susceptible to the slidings generated by language's imprevisibility than adult's language. Though the language of an adult is also branded with incompleteness and liable to glide and break, though the rupture also occurs in the speech of adults, in the language of a child such features are not only a possibility and not only circumstantial: they are constitutive.*

**Palavras-chave:** *escrita infantil; argumentação; encadeamento; deriva.*

### 1. Introdução

Não é novidade afirmar que as crianças argumentam desde bastante cedo. Não bastasse a observação cotidiana que qualquer pessoa pode fazer de uma criança ainda pequena instando seu interlocutor inúmeras e repetidas vezes com “por quês”, ou ainda a observação de crianças tentando persuadir alguém através de palavras, são vários os trabalhos que confirmam a ocorrência de argumentação na fala infantil (entre eles, PEREIRA DE CASTRO, 1996 e BANKS-

---

Claudia Mendes Campos é Professora da Universidade Federal do Paraná.

Organon, Porto Alegre, nº 46, janeiro-junho, 2009, p. 109-126

LEITE, 1996). Porém, ao contrário do que a tradição escolar poderia fazer supor, também na escrita a criança é capaz de argumentar tão logo começa a escrever. Podemos encontrar argumentação na escrita da criança já desde os primeiros textos. Dentre os trabalhos que o demonstram estão Ferro (1997), Di Renzo (2000), Souza (2003), Vidon (2003) e Campos (2005). Ocorre que, por um lado, nem sempre a argumentação que está lá no texto da criança é imediatamente identificável como tal, uma vez que há certas diferenças relativamente à argumentação na linguagem do adulto; por outro lado, há também muitas semelhanças, que por vezes fazem perder de vista as especificidades da escrita infantil. É o caso, portanto, de investigar tais especificidades, em busca de uma caracterização da argumentação na escrita infantil que possibilite sua identificação, mesmo quando o insólito e o inusitado saltam aos olhos no texto da criança.

Nesse sentido, cabe observar que o efeito de argumentação produzido por textos infantis é decorrente, em alguns casos, da sua estrutura argumentativa, constituída pela atualização de um encadeamento do tipo *X conectivo Y* (em que o conectivo pode estar presente na cadeia ou apenas latente); em outros casos, tal efeito se deve à orientação argumentativa do texto. No entanto, na escrita infantil os deslizamentos de sentido podem acontecer a qualquer momento, seja pela ausência ou incompletude de alguma das variáveis do encadeamento, por seu preenchimento insólito, ou ainda devido a contradições. Tais deslizamentos afetam a estrutura argumentativa mas não a desfazem, e o efeito de argumentação se mantém a despeito do estranhamento causado pelo texto.

Neste artigo, apresentarei as análises de três episódios de escrita infantil através dos quais discutirei este modo de funcionamento da argumentação. Para tanto, é preciso destacar que a argumentação não é entendida aqui como estratégia de persuasão, nem tampouco se trata de atribuir intenções à criança – desta perspectiva, a argumentação, as intencionalidades nela envolvidas e as relações entre o texto e o mundo que ela supõe, constituem-se no texto, são efeito do funcionamento lingüístico-discursivo. Assim, interessam os efeitos produzidos pelo texto que a criança escreve, e não as intenções da criança nem a eficácia dos “recursos” argumentativos utilizados no texto. Desse modo, podemos concentrar nossa atenção na *produção escrita* da criança, procurando compreender seu funcionamento.

A vertente teórica que fundamenta este trabalho atribui um valor central à ordem própria da língua, o que significa que os sujeitos falantes – tomados como lugar do funcionamento lingüístico-discursivo – estão submetidos à ordem própria da língua, da qual depende a significação dos textos. Isto é, os sentidos do texto não dependem das intenções do seu autor, mas do modo

como seu dizer se inscreve na língua e no discurso<sup>1</sup>. A fala da criança constitui com a fala do adulto relações estruturais tais que a interpretação só é possível no “diálogo”, isto é, a interpretação só é possível no encontro entre a fala da criança e a fala do adulto, mesmo quando a fala do adulto surge apenas como eco de outros encontros; em outras palavras, mesmo quando não há diálogo explícito entre a criança e o adulto, a interpretação da fala da criança só é possível através da relação entre o que ela diz e o que o adulto diz, seja nesse mesmo momento ou em outros precedentes. Na escrita, a fala do outro não aparece em diálogo com a criança, mas é representada pelas escritas e pelos discursos sobre a escrita que circulam em torno da criança, “dialogando” com ela. O efeito de unidade que o texto da criança produz nesse encontro “invisível” com o dizer do adulto, caracterizando um dizer próprio dela, configura intencionalidades que o falante – seja ele a mãe, o professor ou outro adulto qualquer – atribui à criança, mas que não representam efetivamente as intenções (cognitivas) da criança: trata-se de uma *configuração* de intenções que se inscreve no texto, seja falado seja escrito, trata-se de um *efeito de intencionalidade* que o texto produz. Segundo Guimarães (2001), uma das consequências da organização argumentativa do texto é a construção de uma representação de intencionalidade do locutor – configuração de intenções apenas aparente, uma vez que o discurso “é um lugar necessariamente não-intencional da linguagem” (p.193). Assim, mais do que procurar entender “o que a criança quer ou quis dizer”, pode ser útil ao pesquisador procurar desvendar os caminhos pelos quais o texto da criança produz sentido.

Na argumentação, uma estrutura do tipo *X conectivo Y* produz efeitos referenciais, de tal modo que as partes encadeadas são tomadas pelos falantes como procedimentos para persuadir o interlocutor, são interpretadas como apresentação de uma razão que conduz a determinada conclusão. No entanto, embora a argumentação promova efeitos que configuram um “mundo lá fora”, um conjunto de intenções persuasivas, e possa portanto ser interpretada do ponto de vista da retórica, é no encadeamento que ela se constitui. Isto é, a argumentação promove efeitos de referencialidade, porém tais efeitos devem-se àquilo que de lingüístico configura a estrutura argumentativa. O efeito de unidade, muitas vezes promovido quase à revelia dos deslizamentos característicos da linguagem da criança, constitui-se “dentro” da língua. Vale lembrar o ponto de vista defendido em Ducrot (1999), segundo o qual a argumentação é apenas uma miragem<sup>2</sup>, uma vez que os efeitos que se constituem a partir dos

<sup>1</sup> A língua não será tomada aqui como um sistema autônomo, mas como uma estrutura movida também por sua exterioridade, isto é, pelos seus contextos de enunciação, pelas condições de produção em que ela é posta em funcionamento. É nesse sentido que falo em funcionamento lingüístico-discursivo.

<sup>2</sup> Voltarei a esta questão mais adiante.



discursos argumentativos não correspondem a nada do que tradicionalmente, na retórica, se atribui à argumentação. A escrita da criança, assim como sua fala, evidencia que a argumentação é uma ilusão promovida no encadeamento – é efeito de sentido, de referencialidade e de intencionalidade. Os episódios argumentativos promovem tais efeitos na linguagem da criança, ainda que muitas vezes seus enunciados sejam incorporações de argumentos do adulto; por outro lado, algumas vezes a incorporação de argumentos aponta para “um instante de quebra, de um arranjo singular que dá a ver a imprevisibilidade no encadeamento e que afeta a necessária ilusão argumentativa própria do discurso, de que fala Ducrot” (PEREIRA DE CASTRO, comunicação pessoal). Em outras palavras, a fala e a escrita da criança permitem ver a ilusão da argumentação tanto pela via dos efeitos produzidos quanto pela quebra de tais efeitos, que os afeta sem no entanto anulá-los, como poderemos ver nos textos discutidos a seguir.

## 2 Argumentação e linguagem infantil

Embora seja preciso reconhecer que as semelhanças entre a argumentação na escrita infantil e na escrita do adulto não permitem atribuir a elas o mesmo estatuto, a discussão do funcionamento da argumentação na escrita infantil pode se fazer através de um encontro com a teoria da argumentação na língua, desenvolvida por Oswald Ducrot, em conjunto com Jean-Claude Anscombre e mais recentemente com Marion Carel, à luz da reflexão que se tem desenvolvido nos trabalhos em aquisição de linguagem especialmente por Pereira de Castro, que trata da argumentação na fala da criança, e por Cláudia Lemos, que discute a passagem da criança de *infans* a sujeito-falante.

Em sucessivas etapas de seu trabalho, Ducrot vem procurando circunscrever sua abordagem da argumentação ao funcionamento interno da língua, mais especificamente às relações sintagmáticas, afastando-se de perspectivas que tomem a argumentação pela via da retórica. A argumentação é entendida por ele como uma miragem, uma ilusão construída pela linguagem – “é impossível argumentar com as palavras, nossos discursos (...) não correspondem a nada do que se entende por argumentação” (DUCROT, 1999, p. 1). Isto é, não existem argumentos que por si conduzam a determinadas conclusões, não existem argumentos independentemente das conclusões a eles associadas, argumento e conclusão só se definem um em relação ao outro. É o encadeamento argumentativo que possibilita a ilusão da argumentação. Em postura que se pretende coerente com sua filiação ao estruturalismo saussureano, Ducrot considera que as relações entre as unidades linguísticas definem seu valor semântico, porém ele restringe tais relações às sintagmáticas, mais especificamente àquelas que se dão no encadeamento argumentativo. Isto é, para ele, o valor semân-

tico das unidades linguísticas se define através de encadeamentos argumentativos. No entanto, podemos observar as relações associativas fazendo efeito na constituição da argumentação – inclusive no trabalho de Ducrot, ainda que à revelia das suas intenções, quando ele opõe duplas de frases que se diferenciam entre si apenas pela substituição de uma expressão argumentativa por outra, ou quando ele define o sentido das entidades linguísticas como os encadeamentos discursivos por elas evocados, quando ele relaciona encadeamentos com conectivos do paradigma de *portanto* e de *no entanto*<sup>3</sup>.

A definição enunciada na tese geral da Teoria da Argumentação na Língua (ADL) de argumentação como um discurso, ou um encadeamento, do tipo *X* conectivo *Y*, associada à observação de que as relações associativas também estão em jogo na constituição do sintagma, é fundamental para pensar a argumentação na linguagem infantil. Tal definição circunscreve a concepção de argumentação com a qual Pereira de Castro vem trabalhando em sua reflexão sobre a fala da criança e permitiu a esta autora, através da observação de que o sentido se dá *a posteriori*, afirmar que a argumentação é o “próprio tecido do texto” (2001, p. 64), porque, ao resistir à dispersão a que a língua está sempre sujeita, ela constitui o sentido.

Em artigo publicado no Brasil em 1999, Ducrot defende a tese de que a ADL é uma teoria da “pseudo-argumentação”, uma vez que trata da “ilusão argumentativa” produzida pelo discurso. Para o autor, a questão é descobrir o que torna possível – e mesmo “quase necessária” (idem, p. 10) – tal ilusão. A explicação vem na etapa mais recente da ADL, a teoria dos blocos semânticos<sup>4</sup>: o que, de seu ponto de vista, torna essa ilusão “quase-necessária” é o próprio funcionamento semântico da língua.

O afastamento de uma perspectiva lógica do enunciado através da associação entre “argumentação” e “ilusão” remete ao efeito de argumentação promovido pelo encadeamento através do seu papel de contenção da deriva à que a língua está constantemente sujeita. Isto é, a ilusão argumentativa de que Ducrot fala nesse artigo corresponde ao efeito de contenção da deriva que, na linguagem da criança embora não apenas nela, pode esgarçar o tecido linguístico a qualquer momento e em qualquer ponto da cadeia – o *efeito de argumentação*. Em poucas palavras, a ilusão argumentativa que possibilita a argumentação no discurso corresponde ao efeito de argumentação que tece o discurso e afasta a deriva (cf. PEREIRA DE CASTRO, 2001 e 2003).

Partindo do pressuposto de que não só a fala da criança, mas o todo da linguagem está constantemente sujeito a heterogeneidade e a imprevisibilidade,

<sup>3</sup> Para uma discussão mais detida dos trabalhos de Ducrot na teoria da argumentação na língua, ver Campos (2005b e 2007); ver também Ducrot (1988, 1999 e 2000).

<sup>4</sup> Ver Carel (1998), Carel & Ducrot (1999) e Campos (2007).



podemos afirmar, com Pêcheux (1990, p. 53; grifo meu), que “todo enunciado, toda seqüência de enunciados é (...) lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de *pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação*.” Isto é, a cada ponto da cadeia o sentido pode “deslizar” e ser outro<sup>5</sup>, seja porque há interpretação (o sujeito, inexoravelmente, interpreta) seja porque muitas são as relações sintagmáticas e associativas possíveis e/ou latentes na cadeia. Em artigo que discute a argumentação na fala da criança, Pereira de Castro destaca essas propriedades da linguagem – considerando que a heterogeneidade e a imprevisibilidade, a partir da posição do falante, estão sempre em jogo – e afirma que “*é como contraponto à deriva que [a argumentação] se insere em um determinado arranjo textual-discursivo, garantindo sentido e unidade*” (2001, p. 63-64; itálico meu) – ao resistir à dispersão, ela constitui o sentido, “dirige o diálogo ou o texto” (ibidem, p. 64).

### 3. Focalizando a questão: a ilusão da argumentação em alguns textos infantis

A presença de um conectivo na cadeia, em encadeamentos do tipo X conectivo Y, abre espaço para a argumentação – o conectivo convoca a presença de outros elementos para preencher os espaços abertos e, contendo a deriva, produz-se um efeito argumentativo através da relação que se instaura nesse ponto da cadeia. Relação que é sintagmática, mas não apenas: há muitos sentidos latentes possibilitando a construção de interpretação(ões) para o texto. Isto é, o encadeamento e a latência de sentidos produzem efeito de sentido, resistindo à potencial dispersão da linguagem e constituindo a argumentação. Desse modo, mesmo que o conectivo não esteja explicitado na cadeia o efeito argumentativo se produz e dá um sentido ao texto, dirigindo-o. É o que ocorre, por exemplo, no texto abaixo.

LUISA ANUNCIACAO COSTA O MEU ANIVERSARIO  
VOI OUTEI ISTAVAMUITU LEGAU TIA 11 QIRINSAS I  
11 MAMAS E I TIA I MAGICO  
QEFAZIA APARESE POUBIA ISTRAVA PIPOCA  
NACARTOLA VOIUMA MOSA PINTAR ONOSO ROSTO  
MUITOLEGAU TODOMUNDO OI DIFANTASIA  
VOISQRE

#### Texto 1: “Mágico no aniversário”<sup>6</sup> (idade: 06;00.02)

<sup>5</sup> Segundo formulação de E. Orlandi em diferentes trabalhos (p.e., 1996), “o sentido sempre pode ser outro”.

<sup>6</sup> Luisa Anunciação Costa. O meu aniversário foi ontem, estava muito legal, tinha 11 crianças e 11 mães e 1 tia e mágico que fazia aparecer pombinha, estourava pipoca na cartola, foi uma moça pintar o nosso rosto, muito legal, todo mundo foi de fantasia. Vou escre...

Luisa assina o texto já na sua abertura e inicia a seguir uma descrição da festa do seu aniversário que teria acontecido no dia anterior. Não há destinatário explícito, e pode mesmo parecer que o texto se dirige apenas à própria criança autora, uma vez que ele se configura como mais uma entre tantas brincadeiras de “escrever” que encontramos na produção dessa criança. Brincadeira, no entanto, que produz efeito de relato, e também efeito argumentativo – constituindo assim um interlocutor para o escrito, como veremos adiante.

Podemos ver três processos lingüísticos permeando este texto, configurando sua textualidade: o **paralelismo**, fenômeno sintático em que as estruturas gramaticais e lexicais ora se repetem em cadeias sucessivas, ora se substituem, ora estão elípticas, em um movimento metafórico e metonímico a um só tempo; o **decalque**, adaptação de um clichê ou de um estereótipo ao universo de um determinado texto através de sua transformação e adequação ao texto em questão; e a **expansão**, transformação sintagmática em que as unidades lingüísticas se desdobram em outras (por exemplo, um pronome torna-se substantivo, o substantivo torna-se grupo nominal, o adjetivo oração relativa, etc.)<sup>7</sup>. Por um lado, há uma estrutura que se organiza paralelamente, em uma sucessão de elementos que ora se repetem ora se substituem ora estão elípticos. Vejamos:

o meu aniversário	foi	ontem	
	estava	muito legal	
	tinha	11 crianças	
	e	11 mães	
	e	1 tia	
	e	mágico	que fazia aparecer pombinha
	foi	uma moça	estourava pipoca na cartola
		muito legal	pintar o nosso rosto
todo mundo	foi	de fantasia	

A estrutura das sentenças se repete à medida que o texto avança, como indica a transcrição acima que faz aparecerem quatro *lugares*<sup>8</sup> sintáticos preenchidos em paralelo. O primeiro lugar é explicitado na primeira sentença (“o meu aniversário”) e está elíptico ou ausente nas seguintes, à exceção da última, quando é novamente preenchido (“todo mundo”); o segundo lugar é preenchido por verbos de dois campos semânticos relacionados entre si (indicadores de estado ou posse: “foi”, “estava” e “tinha”), estando elíptico em algumas das sentenças;

<sup>7</sup> O decalque e a expansão são processos descritos em Riffaterre (1989). Para uma justificativa do uso desses conceitos na análise do texto infantil, ver Campos (2005b).

<sup>8</sup> Mantenho aqui a distinção que Milner realiza, em *Introduction à une science du langage*, entre *lugar* e *posição* (Milner, 1989, p. 296-299 e 395-397). Foge ao escopo deste trabalho uma discussão detalhada destas noções.



os verbos são sucedidos na cadeia por elementos com diferentes funções sintáticas, todos eles fazendo ecoar, no terceiro lugar, imagens associadas a festas infantis (“crianças”, “mágico”, *brincadeiras*, *diversão*, “fantasia”); no último lugar, sucedem-se seqüências relativas às atividades e brincadeiras realizadas na festa, seqüências que embora não se repitam ao longo de todo o texto substituem-se na cadeia textual, sempre no mesmo lugar, ajudando a pintar o quadro do “aniversário legal”. Ainda que os elementos que se sucedem na cadeia recolorem, a cada ponto do texto, novos significantes cujos sentidos se repetem, o efeito de tais características não é um esvaziamento de sentidos, nem a imposição da deriva. Isto é, aqui o paralelismo não leva à dispersão, ao contrário do que observa C. Lemos nos dados por ela discutidos no artigo “Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos”. Neste artigo, a autora discute enunciados em que o paralelismo cria um “movimento de deriva” que esgarça o sentido e “impede seus possíveis efeitos referenciais” (2000, p. 7). No texto de Luisa, o paralelismo oferece ao texto um ritmo característico propiciado pela estrutura que se sucede e se repete, os elementos que se substituem configuram um conjunto associado a um mesmo campo semântico, de modo que o paralelismo faz o texto soar como um jogo de palavras cujo efeito, no entanto, não é o esgarçamento dos sentidos, mas a constituição de efeitos referenciais.

O “aniversário legal” que o paralelismo ajuda a pintar, se completa por expansão e por decalque. O sintagma “aniversário” se expande e, em um movimento metonímico, convoca os significantes “crianças”, “mágico”, “fazer aparecer pombinha”, “estourar pipoca na cartola”, “pintar o rosto”, “fantasia”; em um movimento metafórico, o pêndulo transforma esses significantes em um outro: “diversão”. No texto de Luisa, “aniversário” funciona como centro de uma “constelação” (SAUSSURE, 1989, p. 146): ele inicia o texto e convoca, por associação de significado, outros elementos que se sucedem nas seqüências subsequentes, expandindo a imagem da festa infantil, engendrando a imagem de uma festa divertida e prazerosa. Os outros elementos que compõem a constelação aduzem ao texto estas imagens: não se trata apenas de um aniversário, mas de um aniversário infantil, uma vez que estão entre os elementos da constelação os significantes “crianças”, “mamães”, “tia”, “mágico”, “pintar o rosto”, todos eles geralmente associados a festas infantis, não a festas de adultos. Os mesmos significantes engendram a imagem de festa divertida: tal associação põe em cena a fala do adulto, repõe no texto da criança, por incorporação, o discurso do outro que associa festa a diversão, e diversão a brincadeiras.

Assim, por entre as palavras do texto e por meio de sua constelação associativa, o texto deixa transparecer a relação da criança com o outro e com a língua, isto é, ele enuncia uma criança submetida ao discurso do outro, cuja fala própria não emerge nesse episódio textual. A constelação associativa remete a um outro processo em curso nesse texto de Luisa, um processo que, assim como a expansão, fala sobre a relação da criança com a língua. Trata-se do de-

calque. A expansão que dá lugar à constelação de significantes associados por via do significado tem como contraparte o decalque do estereótipo do aniversário legal: festa boa é aquela em que há crianças e elas se divertem – discurso corrente que circula em torno da criança. É a fala do outro que retorna na letra da criança, repondo no seu texto a imagem da festa de aniversário cheia de crianças que se divertem brincando umas com as outras, acompanhando os truques do mágico, pintando o rosto e vestindo fantasias<sup>9</sup>.

Os sentidos que se espriam pelo texto através de relações associativas marcadas pelo paralelismo, pela expansão e pelo decalque, são reunidos e impedidos de dispersar pelo efeito de argumentação que se impõe, estruturando o texto em termos de argumento e conclusão. Ainda que não haja conectivo explicitado na cadeia, o efeito produzido é de argumentação: a descrição da festa configura um rol de argumentos que sustentam a afirmação de que o *aniversário estava muito legal*. Assim, os elementos unidos em uma mesma constelação por meio de diferentes associações são postos em uma relação de tipo bastante específico, cujo efeito é dar sustentabilidade ao dizer do texto e impedir a deriva de se manifestar. Em outras palavras, é pela argumentação que o texto constitui sentidos e escapa dos deslizamentos de sentido a que a linguagem da criança é sempre suscetível. “O meu aniversário estava muito legal”, seqüência que constitui o centro da constelação e a partir da qual a expansão de realiza e o decalque se enuncia no texto, configura conclusão, é afirmação que o texto se põe a justificar. Os elementos que compõem a imagem da diversão e que complementam o estereótipo do “aniversário legal” (*crianças, mágica, brincadeiras*), configuram argumentos no encadeamento que constitui o texto. A relação entre a opinião sobre o aniversário e os argumentos que a justificam se dá a ver independentemente da explicitação de um conectivo na cadeia sintagmática. O texto coincide com um encadeamento argumentativo cuja estrutura prescinde do conectivo, mas o subentende – isto é, ela se constitui sem a presença de um *porque* explicitando a relação entre as partes do texto, porém o conectivo está latente na cadeia, silenciado mas promovendo efeitos de sentido.

Além disso, podemos observar que é pela argumentação que um interlocutor se constitui para o texto. Não há destinatário explicitado no texto, mas toda argumentação se faz dirigindo-se a um outro – e é no próprio texto que este outro se constitui. O texto de Luisa repõe, como dissemos anteriormente, o discurso do adulto, contudo ao mesmo tempo configura-se nele a figura de um outro a quem “se deve convencer”. A “pseudo-argumentação” a que o texto corresponde põe em cena dois personagens: um *eu* que escreve e se apresenta já de início – “Luisa Anunciação Costa” – e um *outro* a quem é preciso dizer que a

<sup>9</sup> É preciso assinalar que o segmento incompleto no trecho final não interfere no efeito de totalidade produzido pelo texto, uma vez que, estando incompleto, ele não se integra ao discurso anterior, porém tampouco o dissolve. Resta um traço que o texto não marca.



feita foi boa e por que foi boa. Isto é, se argumentar com a linguagem é impossível, a ilusão da argumentação é incontestável. Seguindo o passo de Ducrot, afirmo que não cabe falar de eficácia argumentativa do texto, nem verificar a existência ou não de um interlocutor de fato a quem justificar alguma coisa, tampouco cabe conjecturar sobre as intenções (psicológicas) da criança; *cabe, porém, observar que o efeito de argumentação se constitui, que ele dá sustentação ao texto e põe em cena interlocutores constituídos no texto e pelo texto.*

Por outro lado, se tal como vimos no texto “Mágico no aniversário”, a argumentação funciona como um contraponto à deriva, a deriva não deixa de se impor também na argumentação, fato que ganha especial visibilidade na linguagem da criança. Em outras palavras, a questão que retomo aqui é a de que não apenas restrições e regularidades atuam na língua, mas também a imprevisibilidade, que põe em jogo a constante possibilidade de deslizamentos na/da cadeia e torna o encadeamento passível de deriva<sup>10</sup>. Na medida em que a liberdade de escolha do falante está no eixo associativo, a deriva pode sempre se instaurar nesse espaço promovendo deslizamentos por metáfora. No entanto, é no sintagma que o espaço se abre; por entre as restrições impostas pela língua, o encadeamento pode sempre se abrir em qualquer ponto da cadeia dando espaço para a entrada de outros elementos da “constelação” associativa (SAUSSURE, 1989, p. 146) – “a estratificação da cadeia em palavras ou em frases corre sempre o risco de se desfazer e de se refazer” (C. LEMOS, 1995, p. 15). Ou seja, a imprevisibilidade atua no cruzamento entre os eixos sintagmático e associativo, no mesmo ponto em atuam as restrições da língua. Trata-se aqui da tensão entre coesão e ruptura de que fala M.T. Lemos ao discutir o trabalho de Halliday & Hasan (1976) sobre coesão e sustentar que, “se há uma tendência, ou mesmo uma necessidade de coesão, é porque, na linguagem, opera algo da ordem do não-coesivo, do não-todo” (M.T. LEMOS, 1992, p. 35; grifo da autora).

Na escrita da criança, com frequência as cadeias são desfeitas e refeitas, com elementos insólitos entrando nos espaços abertos pelo conectivo – contudo, o efeito de argumentação permanece, constituindo sentido(s) através da resistência à dispersão. Tais sentidos, no entanto, nem sempre escapam da ruptura promovida pela dispersão, nem sempre são previsíveis, ou diretamente interpretados pelo leitor. Quando a deriva se impõe, o deslizamento do texto leva mais à constituição de *efeitos de sentido*, à produção de um *efeito argumentativo*, do que de sentidos propriamente parafraseáveis<sup>11</sup>.

Os dois textos analisados e discutidos abaixo permitem continuar a obser-

<sup>10</sup> Repito aqui o que disse acima, trazendo à memória do leitor o que se entende por deriva e deslizamento: “a cada ponto da cadeia o sentido pode “deslizar” e ser outro, seja porque há interpretação (o sujeito, inexoravelmente, interpreta) seja porque muitas são as relações sintagmáticas e associativas possíveis e/ou latentes na cadeia.”

<sup>11</sup> Para uma análise de um texto infantil em que a deriva se impõe, quase impedindo a constituição de efeitos referenciais, sem, no entanto, impedir os efeitos de argumentação, ver Campos (2004).

var a argumentação em funcionamento na escrita da criança, seja pela via dos encadeamentos argumentativos, seja pela via dos deslizamentos de sentido e cruzamentos de estruturas (sintáticas) promovidos pela deriva linguística. Produzidos por Luisa, no mesmo dia, como atividade escolar, ambos os textos configuram intencionalidades e promovem efeito referencial, constituindo-se como argumentação ainda que em um deles haja uma quebra na estrutura do encadeamento argumentativo.

MARES DATA: 19/11/97 PROFESSOR: Claudia

### CAMISINHAS

Um dia um prefeito proibiu a camisinha porque quer que tenha mais gente para ele ganhar mais dinheiro. Proibiu a camisinha, porque a camisinha proíbe o espermatozoide de ir para o óvulo da mulher e criar o filho; e ele quer que tenha mais filhos. Essa foi uma atitude ruim; também, só para ganhar dinheiro.

Texto 2: “Camisinhas”<sup>12</sup> (idade: 08;08.26)

### ESTRADA QUE MATA

No Mato Grosso tem uma estrada que passa no meio do pantanal e daí como os bichos ficam passando e morrendo atropelados. Por isso não fazer um muro em volta da estrada e um canal por debaixo da terra para os bichos passarem.

Texto 3: “Estrada que mata”<sup>13</sup> / <sup>14</sup> (idade: 08;08.26)

<sup>12</sup> “Camisinhas” Um dia um prefeito proibiu a camisinha porque quer que tenha mais gente para ele ganhar mais dinheiro. // Proibiu a camisinha, porque a camisinha proíbe o espermatozoide de ir para o óvulo da mulher e criar o filho; e ele quer que tenha mais filhos. // Essa foi uma atitude ruim; também, só para ganhar dinheiro.

<sup>13</sup> Os parênteses foram inseridos pelo professor, assim como os traços sublinhando certos trechos do texto.

<sup>14</sup> “Estrada que mata” No Mato Grosso tem uma estrada que passa no meio do Pantanal e daí como os bichos ficam passando e morrendo atropelados. // Por isso vão fazer um muro em volta da estrada e um cano por debaixo da terra para os bichos passarem.



No texto 2, “Camisinhas”, a proibição (seja do uso, da venda ou da distribuição gratuita)<sup>15</sup> da camisinha é apresentada como atitude economicamente motivada por parte de um prefeito, configurando argumento para uma avaliação negativa de tal atitude. Esta leitura pode ser realizada devido à estrutura do texto, em que os dois primeiros parágrafos apresentam encadeamentos que constituem argumentos para uma mesma conclusão e que, tomados como um todo, se constituem como argumentos para a conclusão constituída no terceiro parágrafo e sustentada pela orientação argumentativa do texto. Vejamos: no encadeamento “*um dia um prefeito proibiu a camisinha porque quer que tenha mais gente para ele ganhar mais dinheiro*”, a proibição da camisinha configura conclusão sustentada pelo argumento de que o prefeito quer que nasçam mais crianças para ele ganhar mais dinheiro (o que poderia ser parafraseado como “o prefeito quer que nasçam mais crianças para ele ganhar mais dinheiro, portanto ele proibiu a camisinha”). No segundo encadeamento, correspondente ao segundo parágrafo, a mesma conclusão é retomada e o argumento é expandido: *a camisinha proíbe o espermatozóide de ir para o óvulo da mulher e de criar o filho e o prefeito quer que as pessoas tenham mais filhos* (o que poderia ser parafraseado como “a camisinha impede a fecundação e o prefeito quer que as pessoas tenham mais filhos, portanto ele proibiu a camisinha”). Segue-se um terceiro parágrafo que constitui encadeamento com os dois anteriores: ele apresenta uma avaliação negativa do problema antes relatado, concluindo o texto: “*essa foi uma atitude ruim*”. Os argumentos para esta conclusão constituem-se nos dois parágrafos anteriores e são retomados neste ponto através da sequência “*também, só para ganhar dinheiro*”. O efeito de argumentação produzido pela afirmação de que “foi ruim” a atitude do prefeito de proibir a camisinha sustenta-se na orientação argumentativa do texto: o prefeito não apenas proibiu a camisinha, mas o fez com motivação econômica – tais argumentos orientam o texto na direção de uma desaprovação da atitude do prefeito. O uso de “*também*” introduzindo a retomada da motivação econômica do prefeito estabelece uma gradação que fortalece esse argumento, por oposição à proibição da camisinha simplesmente. A argumentação se constitui nesse texto em diálogo com outros textos sobre o mesmo tema. A história do prefeito que proibiu o uso da camisinha com o objetivo de aumentar a população de seu município e assim fazer crescer a arrecadação de impostos não é história inventada pela menina – é notícia publicada na grande imprensa do estado do Paraná. A atividade escolar que levou à produção desse texto não deixou registrado seu contexto de produção, de modo que não há como saber que outros textos especificamente constituem o diálogo. No entanto, a relação com o discurso do outro se enuncia na argumentação, trazendo para o texto da criança argumentos extraídos do

<sup>15</sup> O texto não esclarece esse detalhe.

discurso da imprensa, fazendo ecoar no texto de Luisa uma fala que não é a sua. A voz do outro se faz ver por entre a voz da menina: os argumentos são os mesmos dos jornais, mas a fala que os põe em cena é da criança, como na introdução do texto através de estrutura típica de narrativas ficcionais (“*Um dia um prefeito...*”), ou na reformulação que transforma arrecadação de impostos em “*ganhar mais dinheiro*”, ou na substituição de *impedir* por *proibir* e de *gerar* por *criar* no enunciado “*a camisinha proíbe o espermatozóide de ir para o óvulo da mulher e criar o filho*”. Em outras palavras, o texto se constitui como paráfrase de outros, paráfrase que deixa entrever a fala do sujeito que a enuncia. Há incorporação da fala do outro, mas há também a fala da criança. A argumentação que se constitui nesse texto não se estrutura apenas pela reposição do argumento do outro, isto é, ainda que os argumentos sejam aqueles que se lia na imprensa sobre o tema, entrelaçado a eles há um dizer que se configura, na argumentação e pela argumentação, como “opinião” da criança.

Trata-se de um texto escolar cujo efeito é uma espécie de camuflagem do interlocutor, que não figura nitidamente expresso no texto – contudo, toda argumentação se dirige a um outro, que sempre se dá a ver de algum modo no próprio texto. Uma das formas de identificação do lugar do leitor na relação com o texto é a interpretação: neste texto de Luisa, o leitor reconhece, para além dos discursos da imprensa sobre o ocorrido, um argumento incorporado do senso comum segundo o qual políticos são corruptos e suas atitudes são guiadas por motivações econômicas; por outro lado, ele reconhece ainda um “saber” escolar acerca do papel contraceptivo das camisinhas. Da união desses dois elementos (*o uso da camisinha foi proibido por um prefeito devido à sua função contraceptiva, que segue na contramão dos interesses econômicos do referido político*), mesmo que interpretados como incorporação do discurso do outro, constitui-se o efeito argumentativo, isto é, a ilusão da argumentação. Na relação entre os interlocutores que se dá através do texto, configura-se um efeito de persuasão. Em outras palavras, o texto é interpretado pelo leitor *como se* houvesse ali uma intenção de defender um ponto de vista e convencer o interlocutor. Portanto, pouco importa se de fato houve essa intenção, porque o texto configura esse efeito de intencionalidade. Cerzido com os fios do funcionamento linguístico-discursivo, esse efeito dá corpo e sentido ao texto, constitui a um só tempo sua tessitura e sua argumentatividade.

No texto 3, “Estrada que mata”, ocorre um deslizamento ocasionado pelo cruzamento de dois conectivos de mesmo sentido mas estruturas conflitantes – *como e por isso*. O texto anuncia um problema que se configura como argumento: “*no Mato Grosso tem uma estrada que passa no meio do Pantanal*” e “*os bichos ficam passando e morrendo atropelados*”. A conclusão se constitui na relação argumentativa entre os segmentos do texto e aponta uma solução para o problema: “*vão fazer um muro em volta da estrada e um cano por debaixo da terra para os bichos passarem*”. Também neste texto podemos ver a incorporação de



argumentos, provavelmente extraídos de uma notícia anteriormente lida e retomados nesta produção, incluindo a própria conclusão da argumentação. Tal incorporação põe o leitor diante de uma relação argumentativa tal que ele poderia interpretar sem estranhamento. Há, porém, uma quebra na conexão entre argumento e conclusão: são usados dois conectivos cujos efeitos semânticos são semelhantes, mas que ocupam lugar diferente na estrutura – poderíamos ter: *como os animais atravessam a estrada e morrem atropelados, será construído um muro em torno da estrada e um túnel embaixo dela para os animais passarem ou os animais atravessam a estrada e morrem atropelados, por isso será construído um muro em torno da estrada e um túnel embaixo dela para os animais passarem*, mas o que temos é um cruzamento das duas estruturas. O primeiro conectivo (*como*) aparece usualmente no início da estrutura sintática, introduzindo o argumento, logo após o qual aparece a conclusão – nesse caso, porém, o parágrafo chega ao fim sem a conclusão, promovendo uma quebra sintática. Já o segundo conectivo (*por isso*) usualmente introduz a conclusão, é usado depois do argumento, e pode inclusive, como é o caso nesse texto, introduzir novo parágrafo – não há, pois, qualquer desvio sintático nessa sequência: o argumento foi apresentado no parágrafo anterior e o conectivo introduz a conclusão; o estranhamento está na simultaneidade de uso dos conectivos. Contudo, tal cruzamento não impede a interpretação nem desfaz a argumentação; pelo contrário, o texto constitui argumento e conclusão e o deslizamento não apaga os efeitos de intencionalidade e de referencialidade, ainda que o desarranjo ecoe no texto. Isto é, há um estranhamento que, no entanto, está em tensão com a identificação e o reconhecimento<sup>16</sup>, por um lado, dos elementos que constituem argumentos e conclusão e da relação entre eles, e por outro lado da(s) estrutura(s) argumentativa(s) que, embora “quebrada(s)”, se permite(m) reconhecer. Tal movimento constitui a interpretação e se dá na relação texto-leitor, através do funcionamento lingüístico-discursivo do texto – deixando ver a ilusão da argumentação.

O texto convoca a interpretação, que traz consigo a “ilusão de conteúdo”, ou seja, a ilusão de que o sentido é evidente e de que o referente não é efeito do texto. Segundo a vertente francesa da análise de discurso, cuja origem está nos trabalhos de Pêcheux, é pela ideologia<sup>17</sup> que essa ilusão se possibilita, a interpretação é considerada o lugar de submissão do sujeito à ideologia, o que quer dizer que através dela se dá o “efeito de literalidade”, a “ilusão do conteúdo”, a “construção da evidência dos sentidos”, a “impressão do sentido já-lá” (ORLANDI, 2001, p. 22). Neste trabalho, não serão tratadas as relações entre

texto e ideologia, entre interpretação e ideologia, o que não significa deixar de considerar seu lugar no funcionamento da linguagem. Entretanto, como pudemos ver nos textos discutidos acima, a interpretação se dá a ver no funcionamento lingüístico-discursivo e na relação texto-leitor, promovendo efeito de evidência dos sentidos, efeito de unidade, de referencialidade e de intencionalidade – ilusão de argumentação.

A incompletude da linguagem abre para a interpretação, ao mesmo tempo em que a polissemia possibilita diversos caminhos interpretativos a trilhar. A não-transparência da linguagem, a impossibilidade de atravessar o texto para ter acesso a um sentido escondido atrás dele, exigem que ele seja interpretado para que se tenha acesso ao sentido – que se constitui na materialidade do texto, através do funcionamento da linguagem no texto. Assim, se a argumentação, como todo objeto de linguagem, demanda interpretação, é na incompletude e na polissemia que os efeitos de sentido se constituem, como pudemos ver nos textos de Luisa discutidos acima.

#### 4. Considerações finais

Assim como o encadeamento argumentativo, a noção de orientação argumentativa permite tratar a argumentação no texto tomando-a como uma questão lingüística – e não lógica, psicológica, nem sociológica ou retórica. No conceito de orientação argumentativa não estão em jogo nem as informações contidas no enunciado nem as suas condições de verdade, mas indicações acerca do “futuro do texto” (GUIMARÃES, 2002), isto é, acerca de como o texto pode continuar, quais conclusões são possíveis a partir de cada ponto do texto e a partir do texto como um todo. Trata-se de injunção à interpretação: a orientação argumentativa aponta os sentidos nos quais se espera que seja interpretada a sequência de determinado enunciado. Nesse sentido, tal conceito permite olhar para os textos escritos por crianças e discutir a argumentação que ali se constitui mesmo quando não há encadeamentos argumentativos explicitados na cadeia textual.

Encadeamento e orientação argumentativa não se excluem mutuamente – pelo contrário, em vários dos textos infantis encontramos, por exemplo, encadeamentos do tipo *A mas B* explicitando a direção para a qual a primeira parte do enunciado aponta e sua inversão na continuidade do texto. No entanto, a argumentação comparece nos textos das crianças estruturada de diversas maneiras que não apenas aquelas também encontradas no texto do adulto. Há textos que coincidem com um encadeamento argumentativo, sendo alguns deles sem atualização do conectivo; há também textos cuja argumentação se deve

<sup>16</sup> Cf. Pereira de Castro, 1995.

<sup>17</sup> Para uma discussão sobre as relações entre linguagem e ideologia do ponto de vista da semântica da enunciação, ver o artigo “Por uma pragmática das representações” (Vogt, 1980, p. 129-163).



unicamente à orientação argumentativa, sem a presença de uma estrutura argumentativa; porém, há ainda aqueles que trazem à tona a incompletude constitutiva da linguagem; há textos marcados por processos lingüísticos tais como o paralelismo e a polarização<sup>18</sup> que muitas vezes levam os textos à beira da deriva, contida apenas pela argumentação; há textos cuja argumentatividade é afetada pela dispersão dos sentidos. Os textos discutidos aqui dão apenas uma amostra de como a argumentação pode aparecer na escrita infantil.

Embora a *teoria da argumentação na língua*, principalmente no que diz respeito à sua tese geral, seja bastante produtiva para a discussão da argumentação na escrita infantil, é preciso trazer à baila outros conceitos para dar conta da especificidade dessa escrita. Na linguagem da criança, a significação é constituída pela interpretação do adulto. A heterogeneidade e a imprevisibilidade, embora sejam características da linguagem como um todo, são *constitutivas* da linguagem da criança, dando espaço para os deslizamentos a que constantemente ela é submetida, de tal modo que a interpretação do adulto se dá no embate entre a identificação ou o reconhecimento de estruturas da sua língua e o estranhamento dos arranjos insólitos que resultam de tais deslizamentos (PEREIRA DE CASTRO, 1995). A incompletude da linguagem também está em jogo, uma vez que o texto da criança evidencia a falta constitutiva quando seu dizer não “faz texto” (M.T. LEMOS, 1992), isto é, quando não silencia a proliferação de sentidos própria da linguagem, abrindo para a interpretação e não contendo a deriva. Os deslizamentos a que estão sujeitos os textos da criança dizem respeito aos cruzamentos na cadeia lingüística entre significantes expressos, ou entre significantes expressos e outros silenciados que podem fazer furo na cadeia (isto é, podem entrar na cadeia em arranjos insólitos), dando lugar à deriva. Uma possível resposta à pergunta “qual o papel da argumentação nesse jogo?” aponta na direção da tese formulada por Pereira de Castro (2001): quando uma relação argumentativa se instaura no texto, constituindo argumento e conclusão, os sentidos não se esgarçam e a deriva é contida.

O olhar que procura desbravar o texto da criança observa que, além do fato de que há aí sempre um resto de outras falas, seja dela mesma seja do adulto – um resto que a diferencia por ser constitutivo –, o aspecto que diferencia a produção argumentativa na escrita infantil da argumentação na língua constituída, evidenciando suas especificidades, é sua maior suscetibilidade aos deslizamentos promovidos pela imprevisibilidade da linguagem. Ainda que a fala do adulto também seja marcada pela incompletude e suscetível a deslizamentos e rupturas, ainda que o rompimento se dê também na fala do adulto, na linguagem da criança tais traços não são apenas uma possibilidade, não são eventuais – são constitutivos. Caracterizam-na e diferenciam-na.

<sup>18</sup> Para uma discussão desse processo, ver Campos (2005a/b).

## Bibliografia

- BANKS-LEITE, Luci. *Aspectos argumentativos e polifônicos da linguagem da criança em idade pré-escolar*. Campinas, 1996. Tese de Doutorado em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.
- CAMPOS, Claudia Mendes. Efeito Argumentativo e Deriva na Escrita Infantil. *Estudos Lingüísticos*, Taubaté: Unitau, v. 33, p. 650-655, 2004. (Disponível on-line em <http://gel.org.br/4publica-estudos-2004/4publica-estudos-2004.htm>)
- \_\_\_\_\_. A concepção de texto na aquisição de linguagem. *Estudos Lingüísticos*, Campinas: Unicamp, v. 34, p. 123-128, 2005a. (Disponível on-line em <http://gel.org.br/4publica-estudos-2004/4publica-estudos-2004.htm>)
- \_\_\_\_\_. *Efeitos argumentativos na escrita infantil ou a ilusão da argumentação*. Campinas, 2005b. Tese de Doutorado em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. (Disponível on-line em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000366180>)
- \_\_\_\_\_. O percurso de Ducrot na teoria da argumentação na língua. *Revista da ABRALIN*, v. 6, n. 2, p. 139-169, jul./dez. 2007.
- CAREL, Marion. Argumentación normativa y argumentación exceptiva. *Signo & Seña*, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, v. 9, p. 257-298, 1998. Tradução de Corina García González.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. *Langue Française*, Paris: Larousse, vol. 123, p. 6-26, 1999.
- DI RENZO, Ana Maria. *O repetível no processo de aquisição da escrita: lugar da argumentação*. Campinas, 2000. Dissertação de Mestrado em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.
- DUCROT, Oswald. *Polifonía y Argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988. Tradução de Ana Beatriz Campo e Emma Rodríguez.
- \_\_\_\_\_. Os *Topoi* na Teoria da Argumentação na Língua. *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos: UFSCar, v. 1, n. ° 1, p. 1-11, 1999 [1993]. Tradução de Rosa Attié Figueira.
- \_\_\_\_\_. La elección de las descripciones en semántica argumentativa léxica. *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad*, Barcelona: Editorial Gedisa, v. 2, n. ° 4, p. 23-44, 2000. Tradução de Beatriz Diez.
- FERRO, Regina Torquato. *Discurso argumentativo: identificação de marcas argumentativas na produção escrita de alunos de 4ª série*. Campinas, 1997. Dissertação de Mestrado em Educação – Faculdade de Educação, Unicamp.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e Argumentação*, 2ª ed. Campinas: Pontes, 2001 [1987].



- \_\_\_\_\_. *Os Limites do Sentido*, 2ª ed. Campinas: Pontes, 2002 [1995].
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976. Tradução brasileira: Departamento de Língua Inglesa e Linguística da UFRN, inédita.
- LE MOS, Cláudia T. G. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUCRS, v. 30, nº 4, p. 9-28, 1995.
- \_\_\_\_\_. Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos. Trabalho apresentado no V ENCONTRO NACIONAL SOBRE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM, realizado em Porto Alegre, na PUCRS, de 2 a 6 de outubro de 2000.
- LE MOS, Maria Teresa G. Sobre o que faz texto: uma leitura de *Cohesion in English*. *DELTA*, v. 8, nº 1, p. 21-42, 1992.
- MILNER, Jean-Claude. *Introduction à une Science du Langage*. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990. Tradução de Eni Orlandi.
- PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. *Aprendendo a Argumentar: um momento na construção da linguagem* – 2ª ed. rev. Campinas: Unicamp, 1996 [1985].
- \_\_\_\_\_. Ainda a negação: questões sobre a interpretação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas: Unicamp, v. 29, p. 27-38, 1995.
- \_\_\_\_\_. A argumentação na fala da criança: entre fatos de língua e de discurso. *Linguística*, São Paulo: Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), v. 13, p. 61-80, 2001.
- \_\_\_\_\_. Sobre a fala da criança no universo da razão: da argumentação. *Actas del Congreso Internacional La Argumentación*, Buenos Aires: Instituto de Lingüística, Universidad de Buenos Aires, p. 1403-1407, 2003.
- RIFATERRE, Michael. *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989 [1979].
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1989 [1916]. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.
- SOUZA, Lusinete Vanconcelos de. *As proezas das crianças em textos de opinião*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- VIDON, Luciano Novaes. *Dialogia, estilo e argumentação no trabalho de um sujeito com a linguagem*, Campinas, 2003. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp.
- VOGT, Carlos. *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. São Paulo: Hucitec; Campinas: Funcamp, 1980.